

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OS INERENTES MISTÉRIOS DE ATRAÇÃO E REPULSA DA RAÇA: BIRRACIALIDADE E AUTOFICÇÃO EM THE AUTOBIOGRAPHY OF AN EX-COLORED MAN DE JAMES WELDON JOHNSON (1912).

Caio Arrabal Fernandez Jabbour

Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Campinas

caio.arrabal@gmail.com

Introdução

O presente trabalho, versão estendida da apresentação homônima realizada no 31º Simpósio Nacional de História, tem como objetivo refletir acerca da construção de projetos intelectuais negros nos Estados Unidos durante o início do século XX. Para isso, tem-se como ponto de partida a publicação da autobiografia ficcional de James Weldon Johnson, intitulada *The Autobiography of an Ex-Colored Man* de 1912, buscando mapear a recepção deste trabalho na imprensa de grande circulação e da imprensa negra.

As interpretações fornecidas por estes periódicos a respeito da obra de Johnson permite o acesso às perspectivas de diferentes grupos e projetos intelectuais, reconhecidos pelas questões evidenciadas em cada uma das análises dos jornais. Deste modo, o trabalho destina-se a estabelecer os diálogos entre os pensadores que questionavam o lugar da população negra na sociedade estadunidense, visando sua inserção na busca pelo estatuto de cidadão com a narrativa de James Weldon Johnson, questionando quais eram os possíveis caminhos observados pelo autor desta narrativa.

A experiência do Atlântico caribenho: sobre James Weldon Johnson e The Autobiography of an Ex-Colored Man.

James Weldon Johnson nasceu em 1871, em Jacksonville, Flórida, filho de Helen Louise Dillet e James Johnson. Conforme o autor narra em sua autobiografia intitulada *Along this way* (JOHNSON, 1933), a experiência atlântica permeia sua existência desde cedo. Sua mãe provém de uma família haitiana-francesa, sendo neta do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

militar francês Etienne Dillet e Hester Argo, mulher haitiana que o autor não possui maiores informações. Devido aos acontecimentos do início do século XIX na ilha de São Domingos, sua família foi obrigada a fugir para Cuba em 1802, mas, durante a viagem, o navio fora interceptado e eles direcionados para Nassau, nas Bahamas; local onde Helen Louise nasceu e viveu parte significativa de sua vida.

O autor não possui grandes informações a respeito de seu pai e isso deve-se ao fato de James Johnson ter nascido ainda durante o período da escravidão nos Estados Unidos. Do pouco conhecimento que possui a respeito desse passado, sabe-se que ele nascera livre na Virgínia e mudou-se para Nova Iorque, trabalhando como garçom em uma rede de hotéis que, futuramente, hospedaria Helen Louise e sua mãe, Mary Symonett. Após este encontro, James Johnson e Helen Dillet se casam e vivem um período em Nassau, até se mudaram para Jacksonville, onde concebem seus dois filhos: James Weldon Johnson e John Rosamond Johnson.

Talvez por conta da influência materna, James dedicou-se aos estudos formais e à música desde cedo. Em 1891 ele se mudou para Atlanta com a finalidade de cursar Direito na Universidade e retornou à Jacksonville assim que encerrou seus estudos para criar o primeiro periódico negro da cidade, em 1895, chamado *The Daily American* (JOHNSON, 1933, p.151)¹.

Com o fim de seu curto período como editor do periódico, Johnson passou a se dedicar à educação e atuou de maneira incisiva em Stanton, uma escola voltada para o ensino de alunos negros. Todavia, sua carreira docente não perdurou por um muito tempo, pois recebera um convite de seu irmão Rosamond para juntar-se a ele e Bob Cole na carreira musical dos jovens artistas. Deste modo, Johnson mudou-se para Nova Iorque. Sua estadia na cidade também evidenciou os primeiros relatos do autor acerca da escrita do livro *The Autobiography of an Ex-Colored Man*². Para não afastar-se dos estudos, Johnson frequentava algumas aulas da Columbia University e, por volta de 1906, apresentou os primeiros rascunhos de sua obra ao seu professor Brander Matthews (JOHNSON, 1933, p.193).

Mesmo com seus rascunhos desde 1906, apenas dois anos mais tarde que Johnson se dedicaria exclusivamente ao livro. A eleição de Theodore Roosevelt e a

1 Segundo Johnson, o periódico manteve-se por cerca de 8 meses, até meados de 1896, quando fora obrigado a encerrar suas atividades devido à falta de financiamento para as publicações.

2 A partir deste momento, me refiro ao livro pela abreviação de ECM, utilizada pelo próprio James Weldon Johnson.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

aproximação do autor com figuras de renome do Partido Republicano permitiram que este fosse indicado para a consolidação do consulado estadunidense na Venezuela. A frente do consulado de Puerto Cabello, Johnson estabeleceu fortes vínculos com figuras da diplomacia internacional e integrou-se no cotidiano venezuelano de forma rápida. Tendo em vista sua dedicação à escrita de ECM e seu contato com diferentes relações raciais na América Latina, é possível identificar semelhanças entre as narrativas de Johnson acerca de sua experiência em Puerto Cabello e a narrativa ficcional publicada pelo mesmo em 1912.

Johnson explicita o modo como vivenciou parte de sua estadia na Venezuela ao mencionar que

“Caí facilmente no modo de vida tropical; até mesmo no hábito bastante sensato de tirar uma sesta. Na melhor casa para a qual me mudei para o Consulado, minha maneira de viver era semi-luxuosa. [...] Geralmente eu me levantava bem cedo, como é o costume na América Latina. (...) Das onze à uma, todas as portas comerciais de Puerto Cabello estavam fechadas; aquela era a hora do *almuerzo*, uma refeição de quatro pratos e a sesta. Cinco horas era a hora de encerramento e sete horas a hora geral para o jantar.”(JOHNSON, 1933, p. 230, *grifo original*)³

Ao passo que o narrador de sua obra ficcional experienciava mudanças significativas em seu modo de vida por sua convivência diária com imigrantes cubanos na fábrica de enrolar tabaco de Jacksonville

“No final de cerca de três meses, devido à minha habilidade como ‘enrolador’ e à influência do meu contratante, fui promovido a uma mesa e comecei a aprender meu ofício; na verdade, mais do que meu ofício; pois aprendi não só a enrolar charutos, mas também a fumar, a praguejar e a falar espanhol.” (JOHNSON, 1912, p.70)

Ainda com as semelhanças entre a obra ficcional de Johnson e sua trajetória pessoal, é relevante destacar que o livro de 1912 não corresponde a autobiografia real do autor. Entretanto, por ser publicada de forma anônima e por uma editora de pouca expressividade, muitos foram os leitores que acreditavam que este livro correspondia a um “documento humano” legítimo⁴, ou seja, um relato pessoal de um indivíduo que, de

3 Todas as citações presentes neste trabalho foram traduzidas para facilitar a compreensão do leitor. Qualquer erro de tradução ou interpretação compete exclusivamente ao autor.

4 O termo “documento humano legítimo” é utilizado aqui como referência às resenhas críticas que utilizavam-se deste termo para se referir a autobiografias reais em oposição a obras de ficção que intitulavam-se como autobiografias reais.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fato, existia, surpreendendo o próprio autor, que julgava explícito o caráter ficcional do trabalho.

“Quando escolhi o título, não tive a menor dúvida de que seu significado seria perfeitamente claro para qualquer pessoa; houveram pessoas, no entanto, para quem isso ficou confuso. Quando o livro foi publicado (1912), a maioria dos revisores, acredito que alguns questionaram, aceitaram-no como um documento humano. Foi uma homenagem à escrita, pois fiz o livro com a intenção de que assim fosse. Mas, talvez, teria sido mais previsível se eu originalmente tivesse registrado meu nome a ele como uma franca peça de ficção.” (JOHNSON, 1933, p. 238)

Desta forma, para compreender o impacto do livro na produção intelectual negra do início do século XX é preciso também destinar parte da análise à recepção desta obra e seus diálogos com intelectuais negros ativos durante o período, que dedicavam-se a construir seus respectivos projetos de inserção da população negra na sociedade estadunidense.

As leituras de Johnson de norte a sul: a grande imprensa em pauta

Em diálogo com a própria forma como Johnson interpretava sua narrativa, é interessante destacar que, em um primeiro momento, seu livro não fora recebido como inteiramente ficcional. Os diversos jornais que debruçaram-se sobre a obra e destinaram algumas linhas para desenhar hipóteses a respeito de seu conteúdo mantiveram um olhar constantemente fixado na possibilidade do livro ser um documento humano legítimo, retratando, assim, uma narrativa de trajetória real.

Essa recepção é justificável. Desde as primeiras décadas do século XIX foi possível observar um movimento de força da literatura afro-americana, motivado por políticas antiescravistas que observavam, na cultura, um meio de combater a escravização da população negra. É necessário destacar que esse movimento foi possível, principalmente, pela publicação do romance *Uncle's Tom Cabin* por Harriet Beecher Stowe em 1852. Esta novela de impacto nacional considerável possibilitou que a literatura passasse a representar uma frente de disputa pela liberdade pela população negra.⁵ Assim, trabalhos anteriormente publicados passaram a ganhar expressividade e

5 Estima-se que em seu primeiro ano de publicação foram vendidas 350 mil cópias do livro de Stowe.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

possibilitou a ascensão de um novo gênero literário que fornecia um olhar profundo e interno para a escravidão: as autobiografias e biografias de escravizados.

Com o objetivo de narrar os dilemas daqueles que experienciavam a escravidão, estas obras possuíram um impacto significativo no movimento abolicionista e na própria luta pelo fim do cárcere de africanos e afro-americanos. Trajetórias como de Frederick Douglass (DOUGLASS, 1845), Harriet Jacobs (JACOBS, 1861), Solomon Northup (NORTHUP, 1853), entre outros, buscavam demonstrar a partir de narrativas “escritas por eles mesmos” como a população negra era capacitada para a formação intelectual, além de retratar os horrores possibilitados pelo cárcere.

O fim da Guerra Civil e o período da Reconstrução trouxeram novas questões à luz da produção intelectual e cultural da população negra estadunidense. Se anteriormente a luta versava sobre a necessidade de emancipação dessa massa populacional, agora, as experiências individuais narradas a partir de autobiografias tinham como objetivo traçar novos caminhos de inserção do negro na sociedade pós-escravista dos Estados Unidos. Trabalhos como *Up from Slavery* (WASHINGTON, 1901) e *Souls of Black Folk* (DU BOIS, 1903) delimitavam novos projetos raciais que visavam a inserção negra na sociedade, abordando a questão racial do país a partir de perspectivas individuais, seja por uma integração através do trabalho e da “utilidade do negro” para o mundo branco, seja pela atuação e desenvolvimento a partir da educação formal, por exemplo. Portanto, não é surpreendente que o público leitor de 1912 tenha recebido o trabalho de Johnson como uma obra de caráter verdadeiro e autobiográfico. Embora, como o próprio autor aponta, o anonimato da autoria pode ter contribuído para esta interpretação, uma vez que este era figura expressiva desde fins do XIX por conta de sua atuação junto a imprensa e na música.

Deste modo, algumas críticas realizadas pela imprensa ganham evidência quando um olhar aprofundado é destinado a elas. Alguns meses após a publicação da obra, o periódico *New York American*, vinculado à Grande Imprensa⁶, destinou alguns parágrafos para a análise do ECM. Embora o panorama literário anteriormente destacado estivesse no horizonte do escritor desta resenha, ele não deixou de lado a possibilidade ficcional da narrativa, uma vez que ela possuía uma construção muito bem delimita e um enredo equilibrado. Apesar destas ponderações, ainda recomendara a obra

6 Aqui estabeleço a dicotomia entre Grande Imprensa como opositora à Imprensa Negra, por aquela possuir um público irrestrito enquanto esta tem seus leitores e questões explicitamente delimitados.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como um trabalho essencial para quem deseja compreender um pouco da experiência de “um homem com o melhor sangue do sul correndo em suas veias, misturado com o sangue africano”, uma vez que, independente do estatuto ficcional da obra, ela “é comovente como qualquer romance e provocantes como muitas teses de psicologia” (*New York American*, 08/06/1912).

Mas este posicionamento não fora unanimidade frente a toda a imprensa de grande circulação. É possível notar uma diferença significativa entre a abordagem de periódicos do norte e do sul frente a análise do trabalho de Johnson, principalmente quando estes se referem à principal temática do livro: o *passing*⁷. Conforme afirma Hobbs, este fenômeno racial explicita o caráter falho do sistema segregacionista estadunidense, uma vez que coloca em cheque a defesa de uma pureza racial inerente à identidade (2014, p.13).

Esta necessidade de reafirmação de uma pureza racial intrínseca à população branca é defendida pelo jornal sulista *Nashville Tennessean*. Segundo o periódico, a narrativa assusta o leitor tal qual a imagem de uma quimera, por retratar um homem de sangue misto que se integra na sociedade branca ao passar-se por branco. Afinal, “uma vez negro, sempre negro” (*Nashville Tennessean*, 23/06/1912). O autor, então, disserta sobre a imagem construída sobre a mulher do sul no livro, estendendo sua análise para a obra de Stowe, em que tia Mary é vista como uma mulher sem compaixão com seus escravizados. A resenha do *Tennessean* se encerra afirmando que a autobiografia ficcional de Johnson tem como público demarcado a população do norte, uma vez que o livro é trajado de desrespeito e estímulo ao ódio entre as raças, dado o contexto demográfico dos estados do Sul.

Embora a quantidade de resenhas provenientes de periódicos sulistas seja escassa, os poucos exemplos encontrados permitem a compreensão da diferença entre a recepção do livro de Johnson de acordo com a localidade destas. É preciso recordar que o livro fora publicado durante um período de intensificação das políticas segregacionistas nos Estados Unidos, com o aparato institucional operando desde 1896, com o caso de *Plessy v. Ferguson*, estabelecendo a constitucionalidade de leis segregacionistas – implementadas principalmente nos estados do Sul – que garantiriam,

7 *Passing* é um fenômeno realizado por negros de pele clara que abandonam suas vidas e culturas em sociedades negras para se integrarem ao mundo branco, abrindo mão de suas identidades raciais, nomes e comunidades para serem absorvidos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em teoria, as práticas que ficaram popularmente conhecidas como “separados, mas iguais” (DAVIS, 2012).

Deste modo, é esperado que o jornal assuma uma postura acusatória a respeito da narrativa do livro que enfrenta diretamente a pauta segregacionista fortemente estabelecida em diversas regiões do sul, em oposição aos projetos e propagandas integracionistas comumente atreladas ao norte no imaginário estadunidense. Trabalhos como o de Flávio Thales Ribeiro Francisco (2016) demonstram o papel da imprensa nortista em propagar imagens positivas do norte do país a respeito da integração racial em detrimento da guerra racial estabelecida no sul.

Essa tese apresenta confirmação nas resenhas publicadas por periódicos do norte do país a respeito do trabalho de Johnson. Em maio de 1912, *The New York Times* dedica uma extensa reflexão acerca da obra. Segundo o crítico anônimo, o trabalho é um estudo cauteloso acerca do problema racial dos Estados Unidos que, independente de sua veracidade, “traz considerações significativas acerca das condições dos negros no sul do país”, refletindo como a “questão do negro” está intimamente ligada aos desenvolvimentos mentais, políticos e financeiros da raça branca. Segundo o próprio autor, essa perspectiva só é possível pelo narrador ter vivenciado de perto – e de dentro – os dois lados do universo racial estadunidense.

Assim, a resenha se encerra com uma citação do próprio livro que tem como objetivo demonstrar a validação do sul como o ambiente de forte segregação, embora esta, segundo o narrador da autobiografia, aparente tornar-se cada dia mais difícil de ser sustentada.

“‘A batalha foi travada primeiro’, diz ele, ‘sobre o direito do negro de ser classificado como ser humano com uma alma; mais tarde, para saber se ele tinha intelecto suficiente para dominar os rudimentos do aprendizado; e hoje está lutando pelo seu reconhecimento social’. O negro, declara ele, luta passivamente, e o branco está usando na disputa suas melhores energias. ‘O Sul hoje’, conclui, ‘está ofegante e quase sem fôlego pelos seus esforços’.” (*The New York Times*, 26/05/1912).

É explícito durante a crítica à obra de James Weldon Johnson que a contribuição de seu livro para a imprensa de grande circulação, como exemplificado na resenha do jornal mencionado, é a compreensão da perspectiva do cidadão negro sobre o universo branco que ele se insere. Este elemento é fortemente ressaltado por periódicos como o

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Springfield Union de Massachusetts, ao afirmar que o livro oferece um “raio-x da alma do negro”, por fornecer ao leitor a perspectiva negra frente a sociedade branca, enquanto a visão do mundo branco sobre o negro já é tida como universal. (*Springfield Union*, 15/06/1912)

Esta boa recepção por parte da imprensa do norte ainda é sustentada pelo trabalho de Francisco quando nos debruçamos sobre parte das críticas vinculadas à Imprensa Negra. O próprio *Chicago Defender*, vastamente analisado pelo historiador, dedica um espaço de sua página para comentar a autobiografia escrita por Johnson, apontando que

“Diz-se que os negros dos Estados Unidos têm uma boa ideia do que os brancos pensam deles, pois sua opinião é constantemente expressa, mas a raça negra é, de certa forma, uma esfinge para os brancos. Em nossa raça podem ser encontrados aqueles de tonalidade de ébano à tonalidade do mais belo lírio. ‘The Autobiography of an Ex-Colored Man’, que recentemente saiu do prelo, é um livro que deveria estar nas mãos de ambas as raças. É um livro com interesse e valor peculiares e mostra claramente as relações das duas raças. (*Chicago Defender*, 03/07/1912)”

Esta defesa vai diretamente ao encontro do projeto estabelecido por Robert Abbott desde o início de suas publicações com o jornal. Segundo Francisco, o redator utilizava-se da imprensa como meio de contra-ataque aos periódicos de grande circulação que difundiam imagens depreciativas da população negra, enquanto o *Chicago Defender* a utilizava como ferramenta e caminho de combate ao racismo, valorizando indivíduos prósperos, que haviam se destacado na sociedade estadunidense apesar da discriminação racial (FRANCISCO, 2016, p. 25). Logo, é possível compreender que a resenha crítica acerca de *The Autobiography of an Ex-Colored Man* encontrava-se em diálogo com o propósito de Abbott, explicitando o caráter singular da narrativa, ao valorizar a possibilidade de compreender os pensamentos do indivíduo negro imerso na sociedade branca.

Por outro lado, houveram análises sobre o livro que não expressaram receptividade positiva tal qual o jornal de Abbott. Em 20 de julho do ano da publicação, o periódico negro *The Boston Guardian* publicou uma resenha voltada para a análise do livro de Johnson que se posicionava de maneira bastante incisiva a respeito da trajetória do narrador-personagem e seu processo de circulação e transição entre o mundo branco

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

e a raça negra, mobilizando a narrativa e seu locutor para defender um projeto diverso de inserção do negro na sociedade estadunidense.

“Uma nova visão dos problemas de raça”: diálogos e disputas da intelectualidade negra.

Segundo o autor da resenha, este livro é um objeto poderoso. Também afirma ser escrito por um sujeito instruído, “um homem acadêmico, inquestionavelmente”. Talvez estas inferências sejam realizadas pela construção narrativa ou pelo raciocínio treinado do personagem. Evidenciando a presença do narrador entre as diversas classes sociais, o crítico afirma que isto permitiu uma visão ampla dos diferentes estatutos do negro na sociedade estadunidense, além de demonstrar as dificuldades enfrentadas pelos cidadãos negros na sociedade segregacionista, mesmo sendo um sujeito de valores culturais “superiores”.

Esta apresentação inicial do livro antecede a acusação que “não pode ser esquecido que, em última análise, o ‘Mr. Ex-colored man’ é um covarde”. Para o autor da crítica, a raça negra necessita de sujeitos instruídos e superiores para demonstrar sua aptidão para o progresso e desenvolvimento, sendo os indivíduos *colored* seus representantes nesta dimensão da luta contra o racismo. Todavia, a covardia do narrador o motivou a abandonar seu compromisso com os afro-americanos, deixando-se integrar no mundo branco, que sequer necessita de suas qualidades. O ex-colored man é mais que um covarde; é um obstáculo para a ascensão do negro na sociedade estadunidense.

A análise do periódico a respeito da trajetória do narrador de Johnson possui um diálogo íntimo com o projeto intelectual do editor do *Boston Guardian*, William Monroe Trotter. Conforme demonstram Fox (1970) e Greenidge (2019a), Trotter fora essencialmente um jornalista responsável pela fundação do periódico já mencionado em 1900 e, desde então, um opositor ferrenho as ideias e propostas tidas como assimilacionistas difundidas por intelectuais como Booker T. Washington, que defendiam a inserção do negro na sociedade estadunidense através do exercício do trabalho.

A oposição de Trotter com Washington era suficiente para que este se aliasse a W. E. B. Du Bois em 1905 para fundar o que ficaria conhecido como *Niagara Movement*. Nele, Trotter manteve seus projetos de sufrágio da população negra,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

estabelecidos anteriormente em sua trajetória de luta por direitos. O objetivo do jornalista com o movimento era criar uma forte rede que pudesse se opor às políticas estabelecidas por Washington que, por serem amplamente aliadas a sujeitos brancos, eram vistas como enfraquecidas ou limitadas por parte da intelectualidade negra dos primeiros anos do século XX.

Após alguns desentendimentos com Du Bois, Trotter abandona o movimento e passa a dedicar-se ao seu periódico e outras atividades com a *National Negro-American Political League*. Embora Du Bois tenha, em 1909, iniciado os trabalhos com a *National Association for Advancement of Colored People* (NAACP), o jornalista participou apenas de encontros pontuais junto à nova organização, afirmando que Du Bois também vinculava-se a filantropos brancos, impossibilitando a independência da luta por direitos da população negra, uma vez que esta estaria constantemente sujeita às amarras dos desejos destes agentes brancos.

Assim, a crítica estabelecida pelo *Boston Guardian* ao livro de Johnson encontra os caminhos do editor. Ao narrar a trajetória de um sujeito negro que opta por integrar-se ao mundo branco em vez de lidar com os problemas e desafios cotidianamente impostos à população negra estadunidense, o narrador desiste de seus direitos e “deveres de nascimento” (JOHNSON, 1912) e passa a viver em um exílio escolhido (HOBBS, 2014), enquanto o fundador do periódico de Boston afirmava que o dever do cidadão negro era garantir a liberdade dos seus iguais

“Um jornal deve ser conhecido pelo que faz, não apenas pelo que diz. O Guardian não é como a maioria dos semanários negros, dizendo uma coisa e fazendo outra. Nós ‘fazemos’ pela humanidade das pessoas de cor o que o mundo conspirou para nos negar. Não vamos nos desculpar e não vamos recuar - o Guardian se responsabiliza por nossa libertação coletiva. Nenhum de nós é livre até que todos sejamos livres.”
(GREENIDGE, 2019b)

Entretanto, é necessário destacar que a própria publicação de Johnson insere-se em um projeto intelectual do autor em inserir a população negra na sociedade americana. Diferentemente do defendido por Trotter, ressaltando a covardia do “ex-colored man”, é possível identificar diversos elementos de embate e valorização da cultura negra na sociedade estadunidense e, mesmo dentro dos critérios estabelecidos pelo redator do *The Boston Guardian*, a habilidade natural da população negra para o desenvolvimento.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O autor da autobiografia ficcional narra a trajetória de um sujeito inserido desde cedo em uma cultura erudita. Estudioso de música clássica e com facilidade para o aprendizado de idiomas, o narrador ascende constantemente nas micro-sociedades que se insere através do seu desenvolvimento intelectual e artístico, conquistando, inclusive, a confiança de cidadãos brancos da alta classe estadunidense e podendo dialogar com estes dentro de esferas íntimas, como o diálogo estabelecido por este com um cidadão sulista defensor dos Estados Confederados.

O projeto de Johnson é explicitado em sua autobiografia de 1933, ao narrar um diálogo entre ele e o jornalista Henry Louis Mencken estabelecido em 1914. O autor demonstra

“Ele [Mencken] declarou que os escritores negros que escrevem sobre sua própria raça quando se entregam a necessidade de justiça e perdão (...) O que eles deveriam fazer (...) é demonstrar os pontos fortes da raça e enfatizá-los mais e mais; afirmando que, pelo menos nesses pontos, eles são *melhores* que os outros. Eu chamei sua atenção afirmando que tinha tentado algo do tipo com *The Autobiography of an Ex-Colored Man*.” (JOHNSON, 1933, p. 305).

Desta forma, é possível evidenciar que as primeiras décadas do século XX são campo de disputa para a população negra. Disputa acerca do sistema de segregação racial que se expandia e consolidava, garantindo cada vez menos acesso a possibilidades de ascensão deste grupo à cidadania plena, mas também disputas acerca da própria compreensão de quais seriam os melhores caminhos a traçar para conquistar, de fato, o acesso ao estatuto de cidadão. Limitar intelectualidade negra em figuras dicotômicas como Booker T. Washington e W. E. B. Du Bois impede o amplo entendimento dos diferentes projetos e agentes que batalhavam por meios diversos para o alcance da validade de suas respectivas existências e James Weldon Johnson, através de sua autobiografia de 1912, também buscara estabelecer seu próprio caminho.

Bibliografia

DU BOIS, W. E. B. *Souls of Black Folk*. Chicago: A. C McClurg & Co., 1903.

FOX, Stephen R. *The Guardian of Boston: William Monroe Trotter*. New York: Antheneum, 1970.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. O novo negro na diáspora: modernidade afro-americana e as representações entre Brasil e a França no jornal Chicago Defender (1916 – 1940). São Paulo: Intermeios; Fapesp. 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

GREENIDGE, Kerri K. *Black Radical: The life and times of William Monroe Trotter*. New York: W. W. Norton & Company, 2019a.

_____. “The radical black newspaper that declared 'none are free unless all are free'” 2019b. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2020/jan/03/boston-guardian-william-monroe-trotter-newspaper>>. (Último acesso em 09/08/2021)

JARRETT, Gene Andrew. *The Wiley Blackwell Anthology of African American Literature*. Volume 1: 1746-1920. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

JOHNSON, James Weldon. *Autobiography of an Ex-Colored Man*. Boston: Sherman, French & Company, 1912.

_____. *Along this way: the autobiography of James Weldon Johnson*. New York: The Viking Press, 1933.